



Vista do Morro da Forca 18



# OURO PRETO

breve trajeto histórico-literário



Theo Dubeux

São Paulo · 2024



Créditos das fotos

Museu da Inconfidência 1868 - Augusto Riedel

Museu da Inconfidência 2018 - Ane Souza

Outras - Theo Dubeux

Em 1919, o jovem Mário de Andrade fez a longa viagem de São Paulo a Mariana, onde vivia Afonso, então um poeta de 49 anos, em considerável isolamento. Mário, seu grande admirador, visitou-o em sua casa, num encontro que deixaria profunda impressão em ambos. De volta a São Paulo, publicou artigo sobre o poeta; este, depois de lê-lo, escreveu-lhe: "Cria que perdurará sempre no meu espírito a visão da sua nobre figura, iluminada por tamanha inteligência; para quem, como eu, vive em um deserto, tem singular encanto o encontro de um paulista, pois revivo os tempos alegres que passei na capital artística do Brasil." Afonso morreria dois anos depois.

Mário voltaria às cidades históricas mineiras, inclusive e especialmente Ouro Preto, em 1924, na famosa caravana modernista, num grupo que incluiu Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Blaise Cendrars.

Em 1933, Ouro Preto se torna Monumento Nacional. Para Manuel Bandeira, "é uma cidade que, por quase um século após sua fundação não mudou, e assim tem sido capaz de preservar todo encantamento de sua antiga arquitetura". Ou seja, o que hoje nos fascina salvou-se graças à decadência; caso o progresso lá tivesse chegado, seria uma cidade como outra qualquer.



Ao longo do texto, os números indicados com o círculo amarelo 1 se referem a locais identificados no mapa anexo.

À esquerda: corrente de pelourinho, onde escravizados eram presos e açoitados, em local público de grande visibilidade, para que o castigo fosse visto como exemplar.

Na próxima página: Rua Conde de Bobadela. Ao fundo, no alto, a Igreja de São José.



e poeta renomado, ocupando importantes cargos públicos. Em circunstâncias em que isso não era habitual, sua família conseguiu enviar cinco filhos para estudar em Coimbra, tradicional destino dos bem-nascidos de então. Embora sua vida tenha particularidades incomuns, a posição a que chegou é emblemática da mobilidade social viabilizada pelo ciclo do ouro.

Em Portugal, Cláudio recebeu a notícia da morte do pai e, a contragosto, voltou à terra natal, onde passou o resto da vida. Sua companheira, mãe de seus filhos, era escravizada, sendo alforriada com o nascimento do primeiro filho. Como inconfiante, foi preso no que hoje é a Casa dos Contos <sup>4</sup>, onde, oficialmente, se suicidou. Tinha 60 anos.

Todos os envolvidos tentaram negar, salvar suas peles, com exceção do único membro do grupo que não tinha posses: Joaquim José da Silva Xavier, um sujeito que havia praticado diversos ofícios (dentre eles o de dentista) até tornar-se militar, chegando apenas a alferes<sup>9</sup>. Tiradentes seria o protagonista de mais uma tentativa de demonstração de força do Império: preso no Rio de Janeiro, foi levado em procissão e, depois de 18 horas de leitura de sentença, enforcado, esquartejado, teve a casa destruída e salgada, e seus restos mortais espalhados por diversas cidades.

Aproximava-se a virada de século, com a decadência de Vila Rica. Já nos primeiros anos do século XIX, John Mawe<sup>10</sup> narrou seu contato com moradores, quando passou pela cidade: "Quando lhes falamos da riqueza da terra e da quantidade de ouro que lhe era reputada, eles pareceram satisfeitos de ter encontrado oportunidade para dizer-nos acreditarem ser todo o ouro enviado à Inglaterra, acrescentando que sua terra se deveria chamar atualmente Vila Pobre, em lugar de Vila Rica."<sup>11</sup>

Em 1823, após a Independência, a cidade se torna capital da então província de Minas Gerais, passando a se chamar Ouro Preto. Já no final do século, o movimento que levou à proclamação da República ensejou o planejamento de uma nova capital para Minas Gerais: em 1897 fundava-se Belo Horizonte, agravando o abandono da antiga Vila Rica.

Em 1825 nasceu, em Ouro Preto, Bernardo Guimarães, que se tornaria poeta e romancista, famoso pela novela *A escrava Isaura*. Bernardo nasceu e morreu na cidade, onde também nasceu, em 1870, Afonso Guimarães, seu sobrinho-neto – que viria a ser mais um escritor na família.

**9** Alferes: a mais baixa patente militar do oficialato, que equivaleria hoje a um segundo-tenente.

**10** Mineralogista inglês que viajou pela América do Sul entre 1806 e 1811. Escreveu um livro, chamado *Travels in the Interior of Brazil* – de onde vem essa citação.

**11** A esse respeito, cabe a observação de Antonil, ainda do início do século, quando Vila Rica engatinhava:

"E o pior é que a maior parte do ouro que se tira das minas passa em pó e em moedas para os reinos estranhos e a menor é a que fica em Portugal e nas cidades do Brasil."

período, que acabou formando a Ouro Preto como a conhecemos hoje, foi a construção do Palácio dos Governadores (atualmente, o Museu da Escola de Minas <sup>7</sup>).

Por volta de 1750, estima-se que a população de Vila Rica seria de algo em torno de 40 mil pessoas, pouco mais que Salvador, a capital do Brasil. A riqueza teria proporcionado o surgimento, de maneira singular nessa região, de uma classe social afeita às artes, à literatura, com reverberações significativas ao longo de toda nossa história.

A cobrança do *quinto* era, sem dúvida, a grande preocupação da Coroa Portuguesa – o ouro era a grande fonte de recursos, não apenas de Portugal, mas de outros países europeus, por conta das relações comerciais. As minas de Minas foram o principal recurso

<sup>8</sup> Em 1755 um terremoto atingiu a capital de Portugal, com efeitos devastadores. Com as construções desmoronando, a população buscou refúgio na zona portuária. Seguiu-se um tsunami, com ondas de dezenas de metros, e onde este não chegou, uma série de incêndios. Dezenas de milhares de pessoas morreram. A destruição atingiu não apenas a cidade de Lisboa, mas todo o sul de Portugal, chegando ao Marrocos. Foi uma catástrofe sem paralelo, que tornou-se motivo de estudo e preocupação em toda a Europa. O filósofo alemão Immanuel Kant, à época com 31 anos, dedicou-se a estudar os fenômenos – o sismo e o tsunami –, lançando as bases, segundo Walter Benjamin, da Sismologia.

usado na reconstrução de Lisboa, depois do terremoto de 1755<sup>8</sup>, e não seria exagero dizer que esse ouro foi crucial para dar início à Revolução Industrial.

Insatisfeito com a queda na cobrança do *quinto*, em 1750 o Marquês de Pombal instituiu a *derrama*: estabeleceu-se uma quantia fixa de ouro a ser paga à Realeza, pela Capitania de Minas (aproximadamente 1,5 tonelada por ano); se essa quantia não fosse atingida, toda a população teria que completar o montante, inclusive com sequestro de bens. Na prática, no entanto, a elite local geralmente conseguia contornar a efetivação dessa cobrança. Ao longo da segunda metade do século XVIII as minas de ouro começaram a se esgotar, mas o governador da capitania, Luís da Cunha Meneses, estava convencido de que a arrecadação caía por conta da sonegação. Assim, na década de 1780, surgiram fortes rumores de que, finalmente, a *derrama* seria posta em prática.

Descontente com a administração da Metrópole e, talvez, sob influência dos ares iluministas e republicanos da época, um grupo da classe abastada local iniciou um movimento pela emancipação da Capitania de Minas – que acabou por tornar-se conhecido como a Inconfidência, ou Conjuração Mineira. Houve reuniões, planos, mas em 1789, antes de qualquer ação concreta, foram denunciados e presos. Joaquim Silvério dos Reis foi o mais famoso dos alcaguetes, com sua delação premiada – em troca, teria sua dívida com a Coroa perdoada. É possível que tenha sido agraciado ainda com uma série de benesses – um cargo, ouro, título honorário, pensão.

Entre os conjurados, constavam os poetas Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga. Cláudio era o mais velho – nasceu em 1729, em Mariana, a vizinha de Vila Rica. Mesmo com pais de poucas posses, tornou-se intelectual

Desde o século XVI, ocorreram no Brasil as bandeiras – incursões pelo interior, em busca de escravos e riquezas minerais. Segundo o jesuíta Antonil<sup>1</sup>, numa dessas expedições pelo que hoje é a região de Ouro Preto, na década de 1690, um mulato desceu a um riacho para pegar água e "viu depois que nela havia granitos da cor do aço, sem saber o que eram, nem os companheiros, aos quais mostrou os ditos granitos, souberam conhecer e estimar o que se tinha achado tão facilmente." Essas pedrinhas teriam sido depois vendidas, chegando ao Rio de Janeiro, onde constatou-se que eram pepitas de ouro, encobertas por uma camada de óxido de ferro. Iniciaram-se então expedições em busca do local onde as pedrinhas teriam sido encontradas, tendo como única referência o pico do Itacolomi.



O nome do pico do Itacolomi vem do Tupi "ita" (pedra) + "kunumĩ" (menino), o menino de pedra – referência à pequena formação rochosa junto ao grande pico. É visível de boa parte de Ouro Preto, se o tempo não estiver encoberto.

<sup>1</sup> André João Antonil descreve o episódio no livro *Cultura e opulência do Brasil*, impresso em 1711 em Portugal, mas imediatamente proibido e confiscado – a Coroa Portuguesa deu-se conta de que não convinha expôr os detalhes das riquezas da colônia, que o autor examinava minuciosamente. O livro só viria a público integralmente mais de um século depois, em 1837.



2 Os que hoje chamamos bandeirantes eram conhecidos, em seu tempo, como paulistas, ou sertanistas. Eram considerados, por seus contemporâneos, violentos, sanguinários, selvagens. O historiador Russell-Wood assim os descreve:

*De um lado, eram de ascendência portuguesa, falavam português, praticavam o catolicismo, eram capazes de feitos heróicos, demonstravam coragem indiscutível (...). De outro lado, muitas vezes, tinham sangue ameríndio, falavam as línguas indígenas, tomavam índias como esposas e concubinas, opunham-se às autoridades civis e religiosas e mostravam desdém aos representantes da Coroa e aversão a leis, alvarás e ordens-régias. (...) Foi precisamente este senso de 'ser outro' que perturbava, no Brasil, a Coroa portuguesa e até os colonos portugueses natos. Autossuficiência, distância, inacessibilidade, mobilidade e independência de espírito tornavam-nos refratários ao controle régio.*

A imagem que hoje temos deles se formou a partir do final do século XIX, quando se buscava construir a noção de identidade nacional (além de se inserir nas disputas entre São Paulo e Rio de Janeiro, republicanos e monarquistas), associando-lhes à coragem, persistência, modernidade, os desbravadores que lutaram pelo progresso - na verdade, qualidades que os membros da elite do século XVII associavam a si mesmos.

Antônio Dias, em 1698, avistou o pico e deu início ao que viria a ser uma primeira corrida ao ouro. Fundou um pequeno arraial e pouco depois, construiu uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição 11. Viriam então muitos aventureiros, dentre eles o Padre João de Faria Fialho. Com a grande quantidade de gente e a ausência de uma estrutura básica, em pouco tempo a vida foi se tornando muito difícil, levando a um período de fome, nos primeiros anos do século XVIII. Com isso, muitos abandonaram a região, inclusive os dois citados, mas seus nomes ficaram na história da cidade, dando nome aos atuais bairros Antônio Dias e Padre Faria.

Outro aspecto que contribuiu para o abandono parcial desses arraiais iniciais foi a qualidade do minério - o que ali se extraía era o que os paulistas<sup>2</sup> chamavam de ouro branco, de pouco rendimento. Em 1704, no entanto, o português Pascoal Guimarães assumiu uma cata<sup>3</sup> abandonada e adotou outro processo de extração, usando água corrente em terras mais altas. Dessa forma, encontrou um veio de ouro de ótima qualidade, o que iniciou uma nova corrida ao ouro - esta, a que faria daquele precário vilarejo a mais populosa cidade da Colônia. A riqueza logo trouxe conflitos: os paulistas consideravam injusto que se concedessem terras a portugueses e brasileiros de outras regiões, o que deu início à Guerra dos Emboabas - em 1709, vencidos, os paulistas tiveram que abandonar o lugar. Pouco depois, em 1711, esse conjunto de arraiais tomado por aventureiros seria elevado à condição de vila - estava fundada a Vila Rica.

Em 1719, D. João V determinou a criação de casas de fundição no distrito das Minas, para garantir o recolhimento do imposto sobre o ouro encontrado - o quinto<sup>4</sup>. A situação provocou um levante, que culminou na Revolta de Vila Rica, ou Revolta de Filipe dos Santos, que ficou conhecido como líder do movimento. O governador Conde de Assumar sufocou rapidamente a rebelião - Filipe, que provavelmente era um homem pobre, foi preso, enforcado e esquartejado; os envolvidos na organização do levante foram presos e tiveram suas casas demolidas e queimadas. Pascoal Guimarães teria sido o principal articulador da rebelião, mas mantendo-se em sua fazenda, precavidamente a boa distância dos locais de ação. Não resultou:

foi preso e enviado a Portugal, com outros conjurados. Seu arraial, onde teria encontrado aquele primeiro veio de ouro formidável, foi queimado, ganhando o nome que ainda hoje se usa: o Morro da Queimada 17.

As igrejas de então eram normalmente construídas por iniciativa e com fundos dos fiéis, geralmente organizados em Irmandades. Desde o início da chegada dos mineradores, perto da virada do século XVII para o XVIII, construíram-se capelas primitivas nos arraiais. Uma dessas, a do Pilar, tornou-se Matriz em 1712, reunindo diversas Irmandades. Mais tarde, com o crescimento da vila, decidiu-se reconstruí-la, num processo que obrigou a transferência provisória do Santíssimo Sacramento para outra igreja, a do Rosário 1.



Barra de ouro quintada, com o brasão, à esquerda, indicando a casa de fundição de Sabará; o número de série "N200"; o "TOQUE" indicando a qualidade (23 quilates); o ano em que foi fundida (1794) e o peso: 1 onça, 7 oitavas e 24 grãos.

ocasião para uma celebração sem precedentes: a condução triunfal do Santíssimo Sacramento pelas ruas de Vila Rica, numa festa de pompa e luxo inimagináveis para a população. Muito mais que uma cerimônia religiosa, foi uma demonstração de opulência, a euforia da riqueza. Affonso Ávila diz que a solenidade foi "mais de regozijo dos sentidos do que propriamente de comprazimento espiritual." 5

Para Laura de Mello e Souza, "é a comunidade mineira que se celebra a si própria, esfumando, na celebração do metal preciso, as diferenças sociais que separam os homens que buscam o ouro daqueles que usufruem do seu produto. (...) No momento de sua maior abundância, é como se o ouro estivesse ao alcance de todos, a todos iluminando com o seu brilho na festa barroca." 6

O cenário em torno de todo esse esplendor, no entanto, ainda eram as casinhas de pau-a-pique, construídas de forma desordenada<sup>7</sup>, em meio ao matagal. As imponentes obras que se tornaram características da cidade começaram a ser feitas na segunda metade do século, quando a extração do ouro já entrava em declínio - o marco do início desse

3 Cata - Buraco no chão, como um poço, de 3 a 5 metros, para extração de ouro.

4 Todo ouro extraído deveria ser encaminhado à Casa de fundição, para que fosse pesado, fundido e marcado - e cobrado o imposto de 20%, daí "quinto".

O segundo quarto do século viu o auge da extração de ouro. Em 1733, a Igreja de Nossa Senhora do Pilar 16 receberia de volta as peças sagradas, o que tornou-se

5 Affonso Ávila foi poeta, ensaísta e pesquisador. A citação é de seu livro *O lúdico e as projeções do mundo barroco*.

6 Laura de Mello e Souza é historiadora; a citação é de seu livro *Desclassificados do ouro*.

7 Uma herança que evidencia esse crescimento desordenado é a própria Basílica do Pilar, que tem, hoje, uma rua chegando quase no meio da fachada, impedindo uma visão ampla de sua frente.